

EM TORNO DE UMA  
HOMENAGEM

DISCURSOS

pronunciados num jantar em  
homenagem ao DR. JOÃO  
DA COSTA MACHADO

NATAL



Discurso

pronunciado num jantar  
em homenagem ao Dr. João  
da Costa Machado

Biblioteca do Instituto Histórico  
e Geográfico do Rio Grande do Norte  
**DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO  
ANTONIO SOARES FILHO**



## Justificação

O sr. Aduino Correia Martins moveu uma ação, por suposto crime de injúria, contra o Dr. João da Costa Machado por lhe ter cobrado o restante de uma conta dos trabalhos profissionais com o cliente Antonio dos Santos Martins.

Enquanto o Sr. Aduino Correia Martins não encontrou, no Rio G. do Norte, nenhum advogado que aceitasse o patrocínio de sua injusta causa, tendo que trazer de Pernambuco o seu, o Dr. João da Costa Machado teve 43 advogados do nosso forum que se apresentaram, expontaneamente, para defender seu direito liquido e certo, confirmado pelo Egregio Tribunal de Apelação deste Estado.

Por este motivo, reuniram-se os seus amigos e lhe ofereceram um jantar em que falaram os oradores cujos discursos enfeixam esta plaquete, além dos Drs. Mariano Coelho que falou em nome dos clientes e Ascendino de Almeida, Prof. da Faculdade de Odontologia e Farmacia do R. G. N. que falou em nome da Associação Odontologica e Sindicato Odontologico — ambos de improviso.

X X X

Vale ressaltar que o movimento de solidariedade à digna atitude do Dr. Machado não foi movimento da classe medica, como se poderia sopôr, pois partiu da iniciativa dos advogados a que logo se associaram médicos, sacerdotes e elevado número de outros amigos.

O EDITOR

## Agradecimento

Agradeço aos meus amigos a homenagem que me prestaram.

Homenagem que eu considero ter sido feita ao MEDICO, no cumprimento sagrado do seu dever.

### João da Costa Machado

Relação dos Advogados que receberam mandato procuratório e defenderam o Dr. João Machado, no processo de injurias que lhe moveu Aduino Correia Martins. Oto Guerra, Claudionor de Andrade, Mancel Varella de Albuquerque, Alvamar Furtado de Mendonça, Francisco Ivo Cavalcanti, Jocelin Vilar, José Xavier da Cunha, João Wilson Mendes de Mélo, Romulo Wanderley, José Ariston, Antonio Soares Filho, José Waldenício de Sá Leitão, Murilo Aranha, Vicente de Souza, Francisco Meneses de Mélo, José Batista Emerenciano, Djalma Aranha Marinho, Raimundo Nonato Fernandes, Wilson Dantas, João Claudio Machado, Israel Ferreira Nunes, José Nicodemus da Silveira Martins, Hélio Galvão, Paulo Gomes da Costa, João Maria Furtado, Rosemiro Robson, Lauro Pinto, Paulo de Viveiros, Ewerton Cortez, Silvino Bezerra Néto, Clovis Gentile, Túlio Fernandes, Amauri Fernandes, Paulo Fernandes de Souza, Tarcisio Medeiros, Enock Garcia, José Ildelfonso Emerenciano, Jair Alvares Vilar, Manoel Augusto Bezerra de Araújo, Silvino Meira e Sá Bezerra, Liberato de Azevedo Maia, Antonio Pinto de Medeiros.

Relação das pessoas que aderiram e compareceram ao banquete do Dr. João Machado.

Senhores: Aguinaldo de Vasconcelos, Claudionor de Andrade, Rômulo Wanderley, José Nicodemus da Silveira Martins, Aurino Maia, Manoel Varella de Albuquerque, Arnaldo Simonetti, Manoel Augusto Bezerra de Araújo, José Ildelfonso Emerenciano, Silvino Bezerra Neto, Gené-

sio Cabral, Rui Antunes Pereira, Otto Guerra, Alvarado Furtado, Manoel Varela Santiago, Sérgio Guedes, Carlos Passos, Vicente Luz, Travassos Sarinho, Fonsêca Júnior, Assis Miranda Pereira, Pedro Segundo, Hellen Costa, Sebastião Monte, João Cláudio Machado, Amauri Fernandes, Francisco Nogueira Fernandes, Etelvino Cunha, Presidente do Sindicato Odontológico, José Herôncio, Vicente de Souza, João Varela de Albuquerque, Miguel Ferreira Néto, Olímpio Procopio de Moura, José Pedro Bezerra, Luiz Antônio, Aderson Dutra, Leide Moraes, José Almério de Paiva, Manoel Vilar, Ernesto Fonsêca, Cleone Noronha, Luiz Bandeira, João Dutra, Paulo Bitencourt, José Alfran, Aluizio Teixeira Lopes, Israel Nunes, Alvaro China, Henrique Santana, José Macedo, Sérvulo Pereira de Araújo, José Waldenício de Sá Leitão, Antenor Vilar, Cônego Eugênio Sales, José Bezerra Marinho, João Alfredo Pegado Cortez, Alfredo Pegado Cortez, Cel. Sebastião Revoredo, Carlos Augusto de Medeiros, Estélio Fonsêca Ferreira, Paulo Moreira Brandão, Bianor Dias, Agenor Lima, Francisco Pinto, Antônio Edilson Godeiro, Manoel Procópio de Moura, Isaias Cavalcanti, Dario Jordão de Andrade, José Cavalcanti de Albuquerque, Pedro Duarte Filho, Joaquim Guilherme, Pedro Nóbrega da Cunha Lima, José Tavares da Silva, Eudes Moura, Milton Ribeiro Dantas, Temístocles Duarte, Newton de Paula, José Ariston, Humberto Micussi, Leon Wolfzon, Solon Loureiro, Severino Lopes, Onofre Lopes, Olavo Medeiros, Marcelo Carvalho, Angelo Rufino Luciano, Wellington Xavier Bezerra, Paulo Sobral, Laurival Farias, Múcio Galvão, Grácio Barbalho, Silvino Lamartine, Heriberto Bezerra, Jacques Blum, Tarcisio Medeiros, José Jorge Maciel, Ernani Cicco, Mirabeau Pereira, Olavo Montenegro, Silvino Meira e Sá Bezerra, Enock Garcia, Sérgio Severo, João Ferreira Filho, Francisco Viana Filho, José Elísio Cavalcanti, Lázaro César Cabral, Manoel Gurgel, José Francisco da Silva, Eider Furtade, José Bastos, Joel Assunção, Teodulo Avelino, Odilon Silveira, Antonio Soares Filho, Presidente da Associação Odontológica, Pedro Coelho, Pelusio Mélo, Mariano Coelho, João Batista de

Oliveira, Hélio Galvão, Raimundo França, Aderbal de França, Padre Eimard L'Erasitre Monteiro, Padre Nivaldo Monte, Joventino Pereira, Tomaz Pereira, Otto Marinho, Felizardo Moura, Alferes Galdino, Raul Alencar, Paulo Dias, Djalma Marinho, Francisco Ivo Cavalcanti, Olavo Lacerda Montenegro, José Ivo, José Batista Emerenciano, Ossian Guedes, Garibaldi Alves, Antonio Osorio Ramalho, Ewerton Cortez, José Amancio de Lima, José Pinto Freire, Dr. Ascendino de Almeida.



DISCURSO do Dr. Claudionor Te-  
logio de Andrade, Presidente da  
Ordem dos Advogados e Procura-  
dor e Advogado do Estado.

MEUS SENHORES:

Alegra-me ser o intérprete dos meus colegas advogados, nesta manifestação de carinho e aprêço. E' que o acontecimento desta noite, nesta significativa homenagem idealizada por advogados e médicos, encontrou a melhor receptividade no pensamento, no espirito e no coração dos amigos e admiradores de JOÃO MACHADO, êsse ilustre psiquiatra conterrâneo, pondo assim, em evidência, de maneira eloquente e fraternal, a solidariedade que não podia faltar a um grande e abnegado servidor da coletividade no setôr da sua atividade profissional e em meio às suas relações de amizades pessoais.

Êste cenário que agora contemplamos, esta paisagem que encanta os nossos olhos e que espiritualiza a vida, dando-nos as emoções naturais, traduzem alto sentido desta festa que não é simplesmente a decorrência daquele fato que empolgou a opinião pública e mobilizou tôda a classe dos advogados, num movimento espontâneo de solidariedade ao médico que se tornou a figura central nesse drama desenrolado no Pretório e do qual resultou sair ileso, pôsto que a ação penal que se lhe promoveu, era sobretudo temerária e descabida, por ter nascido da vaidade indisfarçável de um antagonista que não tinha razões para preliar com o seu bemfeitor.

Embora êsse acontecimento tenha justificado esta reunião, em que tôda a sociedade natalense, pelos seus elementos mais exponenciais, exulta de contentamento, em face do pronunciamento do Poder Judiciário, não constitui, todavia, o motivo fundamental que ora nos con

grega, nesta festa de amizade e de solidariedade a um companheiro e amigo que tem sabido se conduzir com elevação moral em todos os atos da sua vida profissional e privada. Essa ocorrência constituiu apenas o pretexto. É que, psicologicamente, foi o mais oportuno momento para que realçassemos o esplendor de uma existência que granjeou admiração, respeito e confiança, entre os que se habituaram a vê-la na sua vida e no seu trabalho, um devotamento invulgar no resguardo da pessoa humana, através a missão delicada e especial de velar e zelar por aqueles que, na angústia de um sofrimento, vão encontrar o lenitivo que afasta o desespero de corações amargurados pelo padecimento orgânico. E por mais essa razão é que tributamos, ao ilustre homenageado desta noite, o culto da nossa amizade e do nosso reconhecimento, por sabermos da sua formação moral e da sua bondade inextinguível, por emanar benfazeja e fecunda da sua personalidade de homem de ciência e de homem de bem.

Quem exerce uma atividade profissional, sobre o signo da honradez e da sinceridade e sob o influxo salutar das bênçãos divinas, num acolhimento fraternal da sociedade em que vive, reconforta-se com a consagração que recebe daqueles em cuja comunidade se integrou.

#### MEUS SENHORES:

No itinerário de uma carreira profissional, o que maior influência exerce e credencia o seu titular ao apreço e consideração dos que o cercam, é, sem dúvida, a competência, a retidão, o zelo, a probidade. Mas, nada obstante isso e seguindo o conceito unânime dos que apreciam os homens pelo que eles verdadeiramente são, através a condição social, profissional e moral, em que se situam no plano da existência, aquelas condições fazem conquistar estima e respeito. Uma outra, porém, completa a sua personalidade, estabelecendo élos inquebrantáveis e aglutinando as forças vivas desse fator imponderável, que entre laça corações e deriva da bondade. É o conceito de que

desfruta no seio da sociedade em que se identificou pelas suas virtudes morais e cristãs.

Recordo, neste momento, a incomparável fascinação que tinha o grande RUI BARBOSA pela bondade das criaturas humanas. E para elas, com o entusiasmo da sua eloquência incomum e da sua destacada posição no ambiente da cultura brasileira, cinzelou o quadro admirável, que a sua imaginação reduziu a caracteres alfabéticos e que se resumiu nas seguintes palavras: "Só há uma glória verdadeiramente digna deste nome: é a de ser bom". Mas, a despeito dessa característica da personalidade do nosso homenageado que todos reconhecemos como um atributo da sua própria existência, sentimos que êsse aspecto da sua vida, aliado ao equilíbrio, sensatez e moderação, nunca o distanciou da luta, quando a ela chamado, justa ou injustamente, sobretudo quando necessário, para dar-lhe um lugar de alto relêvo entre os seus colegas, seus amigos, seus companheiros e seus admiradores.

#### MEUS SENHORES:

Quando os homens cumprem os seus deveres morais, sociais e profissionais, mesmo que um dia venha a ser alvo de invectivas ou de investidas de quem não tenha a nítida compreensão desses deveres, sente-se, numa hora como esta, pago de tôdas as canseiras e de todos os sacrifícios, porque assegurou não sómente a estabilidade da família, como, por via de consequência, da sociedade em que se unificou, garantindo, de conseguinte, a sobrevivência do próprio organismo social.

A vida do profissional da ciência de Hipócrates, meus senhores, em nada difere daquela que conduz os discípulos de Ulpiano no emaranhado cotidiano da mesma atividade.

Ambos seguem, na jornada da vida, o mesmo caminho, os mesmos rumos, a mesma trajetória e, consequentemente, realça, em ambos, as posições em que se situam, médicos e advogados, no calor afetivo da confiança

que não se volatilizar, nem se elimina pela incompreensão ou pela insensatez dos que materialmente não sabem sentir o alto significado da espiritualização da vida.

JOÃO MACHADO, o médico e o homem bemquisto pelo gráu de estima que soube conquistar no zelo da sociedade em que nasceu, em que cimentou o caráter, não sómente pelo exemplo trazido do lar, onde os seus devotados pais davam-lhe magníficos ensinamentos, bem merece os aplausos que hoje recebe, por isso que iniciou a sua vida escolar, levando para os meios universitários o cabedal de conhecimentos que raramente — acontece com a mocidade escolar de hoje, sobretudo no curso de preparação das ciências e letras, para depois reintegrar-se no meio dos seus conterrâneos pautando a sua vida de cidadão e de profissional, nos ensinamentos e nos exemplos edificantes hauridos na catedral do ensino, e já hoje recolhendo nésse farta, de salutar experiência, o que lhe valeu destacada posição entre os seus colegas de profissão. É por que isso? Méra deferência? Simples aceno de lisonjas vulgares? Não. É que os seus méritos sempre o recomendaram ao elevado conceito de que desfrutava entre os seus pares, por ser estudioso, dedicado, trabalhador e bom, bom no sentido alto da expressão, por ser lutador incansável na defesa da saúde dos seus semelhantes, honrando, destarte, aquele compromisso com que ornou a sua personalidade no ato solene da colação de gráu.

Via de regra, nós, os profissionais liberâis, muito sofremos, principalmente os clínicos e os causídicos, quase sempre mal compreendidos e mal remunerados e nunca suficientemente reconhecidos pelos estudos, esforços e sacrificios que fizemos. Em geral, sempre nos atiram pedras e o labéu de exploradores, quando sentimos a necessidade de promover diligências para o esclarecimento da verdade situação que ocorre com os médicos quando exigem prévios exames de laboratório, necessários para diagnósticos conscienciosos, ou quando apresentam conta dos serviços profissionais, após afanosos e extenuantes trabalhos.

É o pior em todo êsse drama que se desenrola no

silêncio dos gabinetes, é a estimativa humilhante que fazem dos serviços profissionais, ou no injusto arbitramento dos honorários, como se de nada valêsse o trabalho daquele que se dedica ao estudo meticoloso a que tem necessidade de recorrer para garantir o êxito da atividade em que milita o profissional.

O que aconteceu com o nosso eminente homenageado de hoje, abriu caminho para novas experiências e consagrou aquele aforismo inspirado na sabedoria de DECIANUS de que só se aprende andando e caindo. E mais, serviu para pôr em evidência, aquela expressão feliz de CARVALHO NETO, velho jurista que chegou ao ocaso da vida encanecido no clima escerasedo da advocacia para exaltar "como aprendemos, sofremos e vivemos, na luta incessante da profissão".

Conforta-nos, entretanto, o julgamento dos homens que sabem ser justos e não desdenham da situação e da posição em que se colocam aqueles que sabem se projetar na vida com independência e equilíbrio moral. E graças a Deus isso tem acontecido com JOÃO MACHADO, que hoje, como sempre, vive dos louvores e dos aplausos dos seus conterrâneos, pelo muito que tem feito em benefício dos seus semelhantes. E é por isso que também nós aqui estamos, nesta demonstração fraternal de estima e admiração, porque sabemos sentir como êle a divinização da própria existência, que se transubstancia para o pensamento humano em busca de tranquilidade espiritual, fator psicológico que inegavelmente é a condição própria da vida.

MACHADO: Esta homenagem é simples na maneira pela qual se exterioriza, porém de alta significação para você e para nós, por ter sido espontânea e afetiva. Nada obstante a simplicidade de que se reveste, é um quadro magnífico desenhado aos seus olhos, que você saberá conservar, como grata recordação. Faça da sua retentiva a moldura para êste quadro, e tenha-o guardado na imaginação, de modo que o tempo, que passa uma esponja em tudo, não o esmaêça e seja êle vivo como agora, para que

tenha sempre a felicidade de recordá-lo com alegria. E sempre a compensação dos males que nos pretendem fazer, nesta rápida passagem do homem pela terra. E basta, para a felicidade de todos os que sabem compreender a razão da vida ser vivida.

## Discurso do Dr. Milton Ribeiro Dantas, da Sociedade de Medicina e Cirurgia.

Meus senhores: —

Muita razão têm os homens de lingua espanhola, sobretudo os que habitam a America do Sul, quando, ao se rem conclamados para algo comemorar, perguntam: **hay motivo?**

Sobradas razões, de certo tiveram os qué aqui se encontram, promotores todos, a **una voce**, desta festa de regosijo, de satisfação intima, de confraternização coletiva, para a efetivação deste encontro, cuja necessidade se cansubstancia na indiscriminada presença de tantos para homenagear essa figura ainda jovem de clinico especializado, a esse cidadão que, durante 18 anos de tirocinio medico, numa trajectoria sem curvas, sem arrodeios, sem paradas e sem retrocessos, soniente tem tido por escôpo a etapa final — a de servir, fazendo o bem.

Nascido nú, inteiramente nú como todos nós, sem ter tido a sorte do aconchego môrno das roupagens da opulencia, Machado, senhores, prevem, descende de família pobre, porém de gente digna que, numa luta ingente, com inauditos sacrificios e denôdo invulgar, canstruiu um sólido e indestrutivel alicerce e imponente edificio de sua vida. Os são conhecimentos da moral e da geral cultura, dêside cêdo foram vislumbrados por aquele garôto de calças curtas em quem já se advinhava inata condição de homem sério. Muito moço ainda, porem com o pensamento amadurecido, verificou Machado a necessidade de preparar o terreno onde desejava construir. Daí os cuidados com que agiu adquirindo uma cultura de base, robustecida, posteriormente, pela aprimorado conhecimento profissional e, finalmente, requintado pelo meticuloso estudo de

um dos mais belos ramos da medicina clinica especializada, tornando-se, por isso mesmo, o que hoje representa tão digna e modestamente — o especialista renomado, de tudo e de todos conhecido e considerado.

Ao profissional da medicina, a mais bela e a mais nobre de todas as profissões, nenhum galardão maior poderia ser almejado: conceito e fama entre os colegas, fama e conceito entre o público, que constituem, insofismavelmente, as condições precípua e capazes de manter um medico sempre na móda. Sim, meus senhores, porque aquele que só grangear o conceito público e não possuir icênitico attributo junto aos seus pares, não terá certamente, a continuidade desse conceito através os tempos, pois, como tudo na vida, fatalmente, será mercadoria que caiu da móda.

Meus senhores: —

Eu bem que poderia me furtar ao desejo de tecer commentarios, por mais despretenhosos que o fôssem, sobre o verdadeiro motivo da presença de todos neste instante. Bem que poderia mesmo deixar de consignar este fato altamente mertório para uma cidadão que, injustamente processado, lavado à barra dos tribunais, mereceu uma solidariedade expressiva com o oferecimento incomum de ser defendido pela totalidade dos advogados de Natal e que, muito mais ainda, mereceu apreço maior, na recusa total dos bacharéis norte-riograndenses para o patrocínio de sua acusação.

Este fato, pela sua originalidade, bem demonstra o quanto de ignominia, de injustiça, de falta de amparo legal e moral a que estava apegado o seu obscuro acusador.

E tão irrecusavel foi a repercusão publica do noticia rio jornalístico sobre o assunto, que um matutino, entre nós, houve por bem de instituir um concurso de glósas com o estabelecimento de premios aos vencedores Poetas afa- mados, amadores e curiosos da rima, muitos, quasi uma centena deles, concorreram aos premios. E o que se viu, e o que resultou de tudo isto? — Foi a reprimenda publica com a repulsa de todos à ignominia. Foi a exaltação que cum- prindo o seu dever tinha o direito de proceder exatamente



como o fez, o que, afinal e felizmente, como era de se esperar, mereceu o veredictum da inapelavel absolvição dada pelo nosso mais alto colegio — o Egregio Tribunal de Justiça.

Eis, senhores, o motivo desta festa intima, que congregou, espontaneamente, homens das mais variadas profissões, todos, irmanados no mesmo sentimento de solidariedade afetiva e efetiva ao profissional correto, ao cidadão impoluto e digno, ao homem de bem que é João da Costa Machado.

Machado:

Estas palavras pretendem interpretar o sentimento dos seus colegas, medicos norte-riograndenses, presentes e ausentes, pois neste momento estou convencido de que recebi de todos, indistintamente, o honroso e irrecusavel mandato.

Que você continú a exercer com proficiencia inexcidível a sua já vitoriosa carreira clinica; que prospere, que sêja feliz e que continúe sempre a merecer dos seus colegas e dos seus amigos, que são tantos e tão dedicados, demonstrações como esta de carinho, de afeto e de conforto moral, somente prestados e recebidos quando, realmente, merecidos.

Natal, 17 de Novembro de 1953.

Milton Ribeiro Dantas.

1870  
The first of these is the...

The second is the...

### Conclusion

The third is the...

The fourth is the...

The fifth is the...

### References

1. ...

## Discurso do Homenageado

Meus amigos:

De minha parte, pelo muito que me tem cabido nesta brilhante festividade, tudo o que tenho a vos dizer é: muito obrigado.

Felizmente, estou bem lembrado de que certos pais, sem o desejarem e sem disso se aperceberem, se fazem responsáveis pela perdição do filho. Sendo o vosso gesto profundamente paternal, esforço-me por me não perder pela vossa generosidade. Destarte, meu coração ficou aberto para vos receber; mas, a seu turno, no estudado propósito de não ouvir as vossas palavras — que, por vaidade antecipada, imaginei benevolentes —, concentrei-me, tanto quanto me foi possível fazê-lo, afim de trazer da Sabedoria Divinal da Bíblia o lenitivo para as minhas emoções turbilhonantes.

Consequentemente, mais tranquilizado, e, também, pela certeza de vossa ilimitada condescendência, poderei prosseguir, depois de repetir Tagore:

**“Aprendi nas flôres e na luz do sol o sentido simples dos teus suspiros. Ensina-me a conhecer o sentido das tuas palavras na dor e na morte”.**

**O momento da resultante é sempre igual á soma dos momentos das componentes:**

O homem não é o homem.

O homem contemporâneo não é o homem das cavernas.

O homem civilizado não é o homem primitivo.

Todavia, o homem está no homem.

O homem das cavernas está no homem contemporâneo.

Dentro do homem civilizado mora, à espreita, o homem primitivo.

“ — Quem és tu que me fustigas como se fosses o destino?

— Tu mêsmo, cavalgando as tuas próprias costas.” (2).

O homem é, assim, o momento da resultante; e o momento da resultante é sempre igual à soma dos momentos das componentes.

X — X

### **O homem é responsável:**

Sómente o homem tem raciocínio; sómente o homem tem consciência; sómente o homem tem capacidade de resolução, querendo ou não querendo, segundo a vontade da consciência.

O homem, por deliberação própria, pôde influir nos momentos das componentes.

O homem é responsável pelo momento da resultante

X — X

### **Homem perfeito e puro, sómente Jesus Cristo, Deus—Homem:**

A Sociedade impõe que o homem contemporâneo e civilizado domine o homem primitivo e das cavernas.

“Todas as coisas são difíceis; o homem não nos pôde explicar com palavras. O olho não se farta de vêr, nem o ouvido se enche de escutar.” (3).

Evidentemente, há misterioso enrêdo, indecifrável esforço de transformação hereditária.

Enquanto isso, a féra pré-histórica apenas dormita no leito milenar.

E ontem, como hoje, por muito tempo ainda e por toda parte, vê-mo-la, em maior ou em menor gráu, desbertada e selvagem, desarticulando o ignorado e indefinível trabalho da seleção natural, desmantelando a laboriosa adaptação dirigida, desorganizando a Sociedade, que espezinha; intentando ultrajar a dignidade, quebrar normas de vida, desrespeitar códigos de ética, zombar das leis;

num inglório esforço de agredir, de enganar, de ludibriar, de atrapalhar, de confundir, de embaraçar, de iludir, de engazopar a Justiça do homem civilizado.

“Cada criança que vem ao mundo nos diz:

Deus ainda espera alguma coisa do homem”. (4).

Homem perfeito e puro, sómente Jesus Cristo,  
Deus—Homem.

X —

X

**Não envaideçamos, ainda mais, o sacerdote. Homenageemos o sacerdócio:**

Sacerdote, não é sómente aquêle que trata oficialmente das coisas sagradas e dos negócios da Igreja.

Sacerdote, não é sómente o que ministra os sacramentos da Igreja.

Sacerdote, não é sómente o Padre.

Sacerdote é, também, todo aquêle que está encarregado de tarefa respeitável, de profissão honrosa e elevada.

Sacerdócio, é mistér nobre.

Cada um de vós sois sacerdote e exerceis o sacerdócio. Tendes, todos, missão respeitável e profissão honrosa. E vos dispusestes a homenagear o médico.

No venerável desempenho de sua alta missão, o médico tem a nobreza do sacerdote e a santificante pobreza do sacerdote.

Ninguém maior do que êle, para dar muito e pouco receber. Sacrifica tudo e renuncia a tudo, para diligenciar o bem, evitar o mal, confortar os que sofrem, amenizar a dôr, curar os doentes. No médico, como no padre a dedicação é a mesma, na mais humilde das choupanas ou nos casteios e palácios e côrtes do maior fausto.

Por toda parte, onde quer que os levem ose ncargos e o dever, o trabalho triunfa das canseiras; o empenho é o mesmo de servir com bondade e com caridade; e a intenção é vencer imperativos biológicos ou sobrepôr-se às impurezas da alma. Quando os amigos já não podem mais nada fa-

zer pelos amigos; quando os pais já não podem mais nada fazer pelos filhos; quando os filhos já não podem mais nada fazer pelos pais; quando até já parece que se não tem mais nem amigo, nem pai, nem filho, nem família, nem ninguém, na terra, para quem apelar, aí, exatamente, começa a especial missão do médico e a santificante missão do padre.

Posto isso, o médico e o padre estão investidos, ao mesmo tempo e de uma vez, de todos os atributos já separadamente mui dignos no amigo, no pai, no filho e na família, tendo o que todos têm, mas, que nenhum deles pôde ter separadamente.

Na contingência, mui natural e mui humana, de ainda se querer viver, de não se querer sofrer e de não se querer morrer, ninguém, além do médico, e além do padre, terá para oferecer, dentro de conhecidos limites, a chama que reanima para a Vida, ou a luz que suaviza o temor dos sombrios caminhos da Morte.

Portanto, o médico não representa, apenas, a esperança dos que sofrem e a salvação dos que padecem. Tem uma investidura de dignidade e de respeito, de bondade e de caridade, de que alguns não se lembram senão quando d'ele precisam, ou de que alguns logo se esquecem depois que d'ele precisarem.

Mas, o médico não é sómente o sacerdote

O médico é, também, o homem.

E o homem está no homem.

Não devemos homenagear o médico.

**Vanitas vanitatum, et omnia vanitas. (5).**

Para mim já seria honra inexcédível bem-dizer a oportunidade de proclamar o respeito que todos devemos á nobre classe dos médicos e agradecer esta inesquecível homenagem ao sacerdócio da medicina.

“Ouçamos todos juntos o fim dêste

discurso. Teme a Deus e observa

os seus mandamentos, porque isto

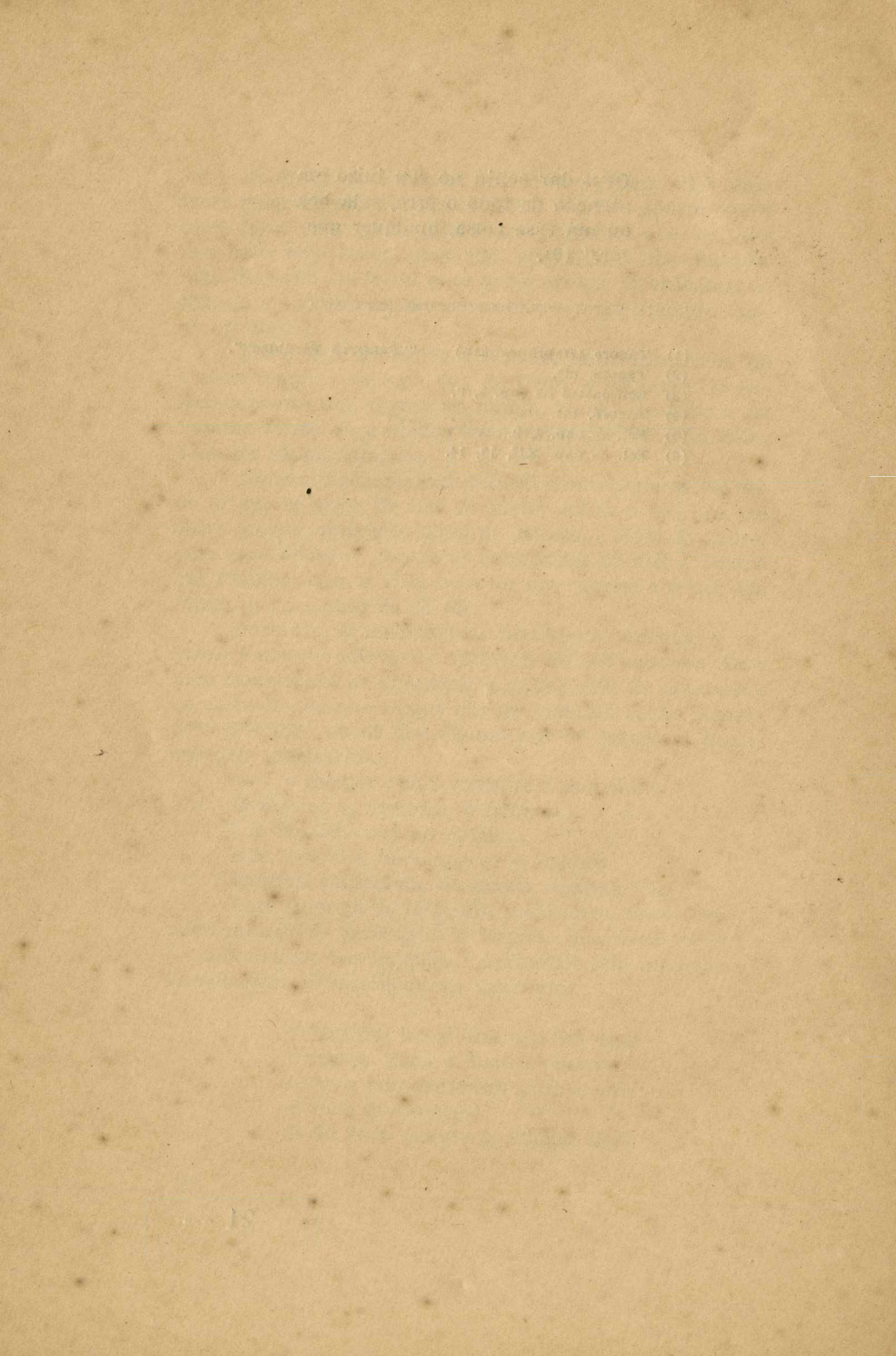
é tudo do homem;

E de tudo quanto se comete fará

Deus dar conta no seu juízo em  
atenção de todo o êrro, seja bôa  
ou má essa coisa, qualquer que  
fôr." (6).

---

- (1) Tagore (Rabindranath) — ““Pássaros Perdidos””.
- (2) Tagore, cit.
- (3) Eclesiastes — cap. I, 8.
- (4) Tagore, cit.
- (5) Ecl. — cap. I, 2.
- (6) Ecl. — cap. XII, 13, 14.





Este Livro foi composto e impresso  
nas oficinas graficas do Centro de Im-  
prensa S. A. rua Dr. Barata, 216. Natal

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

